



Mulheres Negras e Racismo Estrutural no Turismo: vivências, territorialidades e resistências de viajantes negras brasileiras

Julia Miranda

Jsfl5@discente.recife.ifpe.edu.br

Tecnóloga em Turismo pelo IFPE; mestranda em Turismo pela UFPE

Cláudia Sansil

Professora Titular do IFPE da área do Turismo

claudiasansil@recife.ifpe.edu.br

Resumo

A experiência turística é frequentemente apresentada como prática de liberdade, lazer e deslocamento, mas para as mulheres negras essa experiência é tensionada por múltiplas dimensões de poder, opressão e silenciamento que atravessam seus corpos. Este Resumo constitui-se fragmento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC defendido no ano de 2025. Gonzalez (2021) argumenta operar o racismo de modo profundo, cotidiano e estrutural, produzindo hierarquias que definem quem ocupa espaços, quem é visto e quem permanece relegado à fronteira da invisibilidade. No turismo, campo historicamente marcado por discursos de hospitalidade, diversidade e acolhimento, esse racismo estrutural se desdobra de forma velada, mas persistente, interferindo na maneira como mulheres negras se deslocam, são percebidas, recebem serviços e constroem suas experiências de viagem. Fundamentada nos debates de Ribeiro (2017) sobre lugar de fala, a presente pesquisa posiciona as mulheres negras não como objeto, mas como sujeitos epistêmicos centrais, reconhecendo suas narrativas e trajetórias como locus legítimo de produção de conhecimento turístico. A partir também de Carneiro (2011) e Akotirene (2019), compreende-se que o racismo e o sexismo são estruturantes e interdependentes, moldando expectativas, acessos, fronteiras simbólicas e formas de tratamento nos espaços turísticos. Assim, a investigação alinha-se ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável - ODS 5 da Organização das Nações Unidas - ONU, que propõe igualdade de gênero e empoderamento de todas as mulheres e meninas, incorporando a urgência de considerar raça e interseccionalidade para que tal objetivo seja atingido. A pesquisa foi realizada com viajantes negras brasileiras, por meio de questionário online aplicado durante 10 dias (mês junho/2025), permitindo compreender experiências, percepções, episódios de estereotipação e as sensações produzidas por olhares, comentários, abordagens e situações de invisibilização. A opção metodológica dialoga com Collins (2019) ao reconhecer que as narrativas das mulheres negras constituem epistemologias próprias capazes de romper com padrões eurocentrados de produção de conhecimento, valorizando a experiência como categoria analítica e política. Os resultados evidenciam que viajar enquanto mulher negra ainda significa tensionar barreiras simbólicas e

materiais. Muitas respondentes relataram vivências de racismo velado, marcado pelo olhar que classifica, desconfia ou exotiza; pela postura de atendentes que oferecem serviços de forma distinta; pela necessidade constante de reafirmar pertencimento e legitimidade em espaços turísticos frequentemente marcados por hegemonias brancas. Esse conjunto de práticas confirma o que Hooks (2019) e Lorde (2019) observaram: a sociedade impõe às mulheres negras a obrigação de provar continuamente sua humanidade, sua competência e seu direito de ocupar qualquer espaço. Os depoimentos analisados demonstram que o turismo, embora vendido como território de liberdade, ainda reproduz desigualdades históricas. Para muitas mulheres negras, a experiência turística é entremeada por desconforto, vigilância, sensação de inadequação e apagamento — processos que configuram o que Davis (2018) descreve como “opressões entrecruzadas”, que não podem ser compreendidas isoladamente. Ao trazer as vivências das viajantes negras para o centro do debate, esta pesquisa tensiona o campo do turismo e revela a necessidade urgente de políticas, práticas e formações profissionais antirracistas. Conclui-se que enfrentar o racismo no turismo não é apenas tarefa ética, mas epistemológica e política: implica reconhecer o turismo como espaço de disputa, no qual narrativas hegemônicas precisam ser desconstruídas e corpos historicamente marginalizados necessitam ser vistos, ouvidos, respeitados e valorizados. O estudo reafirma que mulheres negras não apenas viajam, mas transformam o ato de viajar em gesto político, de afirmação e de resistência.

Palavras-chave: mulheres negras; racismo estrutural; turismo; interseccionalidade; narrativas de viajantes negras; direitos humanos.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

